

"NOVENTA MINUTOS"

por Livia Gaudencio, 2017.
www.liviagaudencio.com



Peça escrita com o apoio do PROGRAMA IBERESCENA - Ajuda à criação dramaturgica em residência.

PERSONAGENS

Escritora

Abel / Abigail

Úrsula

SINOPSE

Uma Escritora se hospeda em um hotel, ao lado de um matadouro, para escrever seu livro sobre o abate das vacas.

A cada noventa minutos acontece um abate e a Escritora reescreve a história em busca de um final que não seja este.

PRÓLOGO

ESCRITORA - Eu fico particularmente incomodada quando vejo elas entrarem, uma a uma, e serem observadas por aqueles machos endinheirados. Eles soltam frases como “essa é boa de teta”, “você viu o tamanho da anca?”.

E a coitada desfila de um lado para o outro, meio perdida, sem saber que ela está ali para ser analisada.

Porque a partir dali não tem saída. Quer dizer, a partir do momento que elas nascem fêmeas, ou serão criadas para reproduzir e amamentar as crias, ou irão para o abate.

Você pode dizer que são apenas vacas num leilão e que não há nada demais nisso.

Mas devo dizer que me incomoda- -

É interrompida por um barulho de tiro.

Black out.

Ouvimos um grito de criança.

CENA 1

ESCRITORA entra afobada na recepção de um hotel. Não há ninguém. Ela bate a campainha.

Depois de um tempo, entra ABEL.

ABEL - Chegou há muito tempo? A campainha está quebrada.

ESCRITORA - Eu acabei de presenciar um assassinato. O senhor ouviu o tiro?

ABEL - Não se preocupe, está tudo dentro da legalidade.

ESCRITORA - Acabaram de matá-la na minha frente!

ABEL - Foi uma pistola pneumática para deixá-la inconsciente.

ESCRITORA - Então ela está viva?

ABEL - Provavelmente não, pois o próximo passo é degolá-la.

Escritora está muito abalada e se senta.

ESCRITORA - Você a conhecia?

ABEL - Que pergunta é essa?

ESCRITORA - Como pode saber o que acontece ao seu lado e não se abalar nem um pouco?

ABEL - Olha moça, a gente se acostuma com tudo na vida. Eu não posso me abalar por cada vaca que é abatida. Afinal, daqui a noventa minutos tem outro abate.

ESCRITORA - Noventa minutos?

ABEL - A senhora está chorando? Olha, dona, todo mundo sabe que ali do lado é um matadouro, se a senhora tem muita sensibilidade é melhor nem se hospedar nesse hotel.

ESCRITORA - Não! Eu escolhi o hotel justamente pela localização. Estou assim porque quando eu cheguei... *(repassando os fatos para si mesma)* eu o vi com a arma apontada para ela, mas antes que ele atirasse, ela me olhou no fundo dos olhos. Como se me pedisse que fizesse alguma coisa. E eu não pude fazer, entende? Eu fiquei impotente!

ABEL - E o que acha que poderia ter feito?

Escritora reflete sobre a pergunta.

ESCRITORA - Eu não posso esperar sentada pelo próximo abate.

ABEL - Não entendo porque tanta preocupação. São só vacas!

ESCRITORA - Desculpe, talvez eu esteja mesmo muito envolvida com o assunto, já que estou escrevendo um livro sobre o abate das vacas.

ABEL - Por que escolheu esse assunto?

ESCRITORA - É algo que me toca.

ABEL - Aposto que escolheu porque ninguém escreve sobre isso.

ESCRITORA - Este não é exatamente o meu critério para escolher os temas.

ABEL - Pois deveria considerar. Afinal, o que pode te tocar, que outra pessoa ainda não tenha escrito? Você não acha que é preciso encontrar algo relevante e inovador pra dizer?

ESCRITORA - Eu estou tentando fazer com que o abate das vacas seja relevante.

ABEL - E acha que vai conseguir chegar até o final dessa história? *(pausa)* Ou mesmo ao final de noventa minutos?

ESCRITORA - Por que pergunta isso?

ABEL - É preciso ter estômago, dona! Caso contrário, não se meta nesses assuntos!

ESCRITORA *(resoluta)* - Vou querer um quarto.

ABEL - Para se hospedar por aqui é preciso responder a um formulário padrão.

ESCRITORA - Tudo bem.

Abel pega um papel e começa a anotar.

ABEL - Está viajando sozinha?

ESCRITORA - Não vai perguntar meu nome?

ABEL - Já escrevi que é estrangeira.

ESCRITORA - Não sou estrangeira, sou da capital.

ABEL - Então está de mudança?

ESCRITORA - Ficarei alguns dias apenas.

ABEL - Ou seja, estrangeira. Está viajando sozinha?

ESCRITORA - Não precisa mesmo saber o meu nome?

ABEL - Sozinha?

ESCRITORA - Todos somos sozinhos.

ABEL - Não tem medo?

ESCRITORA - Claro! Eu estou viva!

Abel olha a Escritora de cima a baixo.

ABEL - As mulheres lá da capital são bem livres, não é?

ESCRITORA - Os homens também.

Eles se encaram.

ABEL - Casada?

ESCRITORA - Não.

ABEL - Imaginei.

ESCRITORA - Por que?

ABEL - Li numa reportagem que a taxa de casamentos tem caído na capital.

ESCRITORA - A de divórcio também.

Encaram-se novamente.

ESCRITORA - Tenho um namorado, se quer saber.

ABEL - E o seu namorado não veio por quê?

ESCRITORA - Esta pergunta está no papel?

ABEL - Como eu disse, é um formulário padrão. Por que ele não veio?

ESCRITORA - É uma viagem a trabalho. Um homem leva a namorada quando viaja a trabalho?

ABEL (*malicioso*) - Se eu fosse ele, não deixaria uma mulher bonita como a senhora viajar sozinha.

Escritora fica intimidada.

ABEL - Foi um elogio!

ESCRITORA - O que é elogio pro senhor?

ABEL - A senhora é corajosa.

Um enorme BARULHO vem lá de dentro. Abel se irrita.

ABEL - Úrsula!!!!

ÚRSULA entra amedrontada. Ela está grávida. Protege a barriga e o rosto com os braços.

ÚRSULA - Não foi minha culpa, Abel. A barriga me impediu de alcançar o fundo da prateleira e acabou caindo tudo.

ESCRITORA - Você se machucou?

Úrsula ignora a Escritora e olha para Abel.

ABEL - As mulheres daqui não conversam muito. Não é pessoal, dona, elas são meio medrosas.

ESCRITORA - Medrosas por que?

ABEL - Por que são mulheres.

ESCRITORA - Está dizendo que ter medo é da nossa natureza?

ABEL - Não o medo em si, mas é que mulheres nascem mais fracas, frágeis. Ou a senhora vai negar isso também?

ESCRITORA - Eu só fiquei preocupada por ela estar grávida.

ABEL - Vaso ruim não quebra!

Ele ri sozinho.

ABEL - Foi uma piada! Onde está o humor de vocês?

ESCRITORA - Você precisa de ajuda lá dentro?

ABEL (*de dentes cerrados*) - Viu só como você é incompetente?! Até os hóspedes se oferecem pra fazer seu trabalho! Eu vou ver a bagunça que você fez.

Abel sai. Úrsula realiza alguma atividade, ignorando a Escritora.

ESCRITORA - Você precisa de ajuda? Imagino que a barriga deve estar dificultando um pouco as coisas. *(pausa)* De quantos meses está?

Úrsula continua sem responder a Escritora.

ESCRITORA - Então, mesmo sendo funcionária do hotel, você também vai agir como todas as outras mulheres? Vai me ignorar e se recusar a conversar comigo.

Úrsula ainda ignora.

ESCRITORA - Desculpe a intromissão, mas ele sempre fala assim com você? Você não se importa?

Escritora percebe alguns hematomas nos braços de Úrsula.

Úrsula percebe que ela está olhando e puxa as mangas compridas para esconder.

ESCRITORA - Sabe qual a impressão que eu tive antes do barulho vir lá de dentro? Que você estava ouvindo atrás da porta. Ou foi coincidência que tudo desabou justamente quando eu estava sendo intimidada? *(pausa)* Já sei o que você pode gostar de saber. Eu tenho uma caneta mágica!

Úrsula se esforça para não interagir com a Escritora.

ESCRITORA - Esta caneta tem o poder de escrever histórias secretas que ninguém sabia que existiam. Pode às vezes escrever nomes invisíveis pra ninguém saber quem é o dono da história. Pode assinar valiosos contratos de cumplicidade sem que haja uma só palavra escrita no papel.

Úrsula vai cedendo aos poucos até que interage.

ESCRITORA - Registra palavras que não temos coragem de verbalizar e escreve aparentes verdades disfarçadas de bobagens.

ÚRSULA - Onde se consegue esta caneta mágica?

ESCRITORA - Um bruxa de mil e quinhentos anos me deu de presente.

ÚRSULA *(rindo)* - E você acredita que esta caneta tem todo esse poder?

ESCRITORA - Eu preciso acreditar porque é a única arma que eu tenho.

ÚRSULA - Você fala diferente.

ESCRITORA - Por isso as mulheres daqui me ignoram? Por que é só o que aconteceu com cada mulher que cruzei depois que cheguei aqui.

ÚRSULA - A gente não se fala.

ESCRITORA - Por que?

ÚRSULA - Não precisamos. Os homens é que trabalham fora e resolvem tudo por nós. A gente não sai. Eu tenho sorte, pois moro num hotel onde posso trabalhar.

ESCRITORA - Não sai nunca do hotel?

ÚRSULA - Claro que saio! *(pausa)* Quando fico doente. E graças a Deus minha saúde é ótima e tem alguns anos que não preciso sair.

ESCRITORA - E agora na gravidez? Você não tem visto um médico? Não tem feito exames?

ÚRSULA - O Abel traz o médico aqui.

ESCRITORA - Você precisa sair!

ÚRSULA - De forma alguma! Todos os dias eu fico sabendo de mulheres que são machucadas, assassinadas, e até... *(bate levemente na própria boca)* estupradas nas ruas.

ESCRITORA - E isso só acontece lá fora?

Escritora arregança uma das mangas de Úrsula e mostra os hematomas. Abel entra com uma faca nas mãos.

ABEL - Não me pareceu que a prateleira tenha se quebrado. Pareceu mais que ela foi retirada e jogada, com força, no chão.

ÚRSULA - Isso não é possível!

ABEL - Você quer dizer que eu estou mentindo?

ÚRSULA - Não, não. Eu quis dizer que isso não faz sentido e... talvez você possa ter se enganado.

ABEL - Deixa de enrolação! Tem um chão cheio de cacos pra você juntar!

Úrsula vai saindo e para quando ouve a Escritora.

ESCRITORA - Acho que seria melhor ela descansar.

ABEL - A senhora não tem nada a ver com isso.

ÚRSULA - Acho que eu preciso mesmo descansar!

ABEL *(furioso)* - Viu como a senhora é má influência? Já está fazendo a cabeça da minha mulher, que prefere dar ouvidos a você ao invés de me obedecer!

ESCRITORA - Ela não é feliz!

ABEL - Não fale por ela!

ESCRITORA - Vamos comigo Úrsula!

Úrsula está diante do olhar de Abel e da Escritora.

ÚRSULA - Eu não sei se eu posso.

ESCRITORA - Eu estou com você!

Úrsula se levanta.

Escritora vai em direção à porta.

Abel interrompe Úrsula, colocando a faca em sua frente, impedindo-a de passar.

Escritora abre a porta e se surpreende.

ESCRITORA - Tem uma vaca me olhando no meio da rua!

Uma sirene soa.

ABEL - Noventa minutos! Está na hora do próximo abate.

Black out.

Tiro. Grito de criança.

INTERLÚDIO 1

ÚRSULA - Prestem bastante atenção!

Deixem os seus donos pensarem que vocês estão só ruminando.

Porém, descubram sua própria maneira de movimentar a mandíbula de forma a emitir algum som que faça sentido.

O próximo passo é fazer com que esse som emita palavras de ordem, de transformação ou até de auto-ajuda, desde que isso represente alguma libertação pra você.

O leite! O leite deve ser uma escolha.

Valorize o leite e respeite a escolha de cada uma - o mesmo vale para os filhos.

Sempre cubra seu corpo.

Ou sua pele vai virar tapete na sala de alguém.

Seja ágil e conclua suas ideias de forma sucinta.

É preciso muito treino, pois só com muita habilidade você será ouvida até o final da frase.

Vão fazer você questionar sua sanidade todo o tempo.

Vão fazer você acreditar que é menos racional que eles. Mas, não se engane, você não é!

Eles te vêem apenas como uma vaca, e nunca vão se colocar no seu lugar.

Tenha medo, enquanto estiver viva.

E o único direito livre e igualitário, ainda, é o de respirar.

(suspira profundamente)

Exerça!

CENA 2

Escritora está sozinha em cena, escrevendo. Abel entra.

ABEL - Desculpe a demora. A campainha não funciona e temos que ficar verificando se chegou algum hóspede.

ESCRITORA - O senhor soube que mataram uma vaca?

ABEL - Claro! Fazem isso a cada noventa minutos.

ESCRITORA - E o senhor não se incomoda?

ABEL (*malicioso*) - Pelo contrário. Morando próximo ao matadouro, sempre garanto carne fresca na minha mesa.

Escritora fica temerosa.

ABEL - Você me parece tensa. Está tudo bem?

ESCRITORA - Está.

Abel dá um passo para fora do balcão. Escritora se levanta, assustada. Ele para.

ABEL - Você parece estar... com medo.

ESCRITORA (*mudando de assunto*) - Vou querer um quarto.

ABEL - Claro. Precisamos apenas preencher um formulário padrão.

Abel coloca um pote de comprimidos em cima do balcão. Em seguida pega papel e caneta.

ESCRITORA - Esses remédios são seus?

ABEL - Não vê que são de uso animal.

ESCRITORA - Me parecem bem fortes. São mesmo necessários?

ABEL - A senhora é veterinária?

ESCRITORA - Não, eu sou escritora, mas- -

ABEL (*sorrindo*) - Melhor fazer só o que sabe.

Pausa.

ESCRITORA (*desabafa*) - Nem isso tenho certeza se sei.

ABEL - Como assim?

ESCRITORA - Não sei se estou no caminho certo. Estou tentando verticalizar as personagens do meu livro. Acho que elas precisam apresentar um caráter mais complexo, mais humano.

ABEL - Imagino que não deva ser fácil. Os seres humanos estão sempre nos surpreendendo.

ESCRITORA - Justamente.

ABEL - Sobre o que é?

ESCRITORA - O abate das vacas.

ABEL - Por que que escrever sobre isso?

ESCRITORA - Eu ainda não sei explicar de forma inteligível. Fico muito incomodada como as tratam, como se eu sentisse na pele... como se eu já tivesse me sentido como uma vaca.

ABEL - Você quer dizer no sentido de gado, de pertencer a uma massa sem identidade?

ESCRITORA - Às vezes nesse sentido sim. Às vezes no sentido individualizado também. Como um animal que só serve para comer, reproduzir, dar leite... Como se nada que eu fizesse fosse fazer diferença no mundo.

ABEL - E o que acontece depois? Com as vacas.

ESCRITORA - Elas vão pro abate.

ABEL - Naturalmente. E por isso veio se hospedar aqui?

ESCRITORA - Sim. A saga toda do livro é mostrar como funciona a dominação sutil. Até que a coisa extrapola e o poder público começa a julgar as vacas por não conseguirem se libertar. Elas são investigadas até que conseguem incriminar uma vaca por ela ter se deixado submeter. Como se ela quisesse isso.

ABEL - Como se as vítimas fossem culpadas?

ESCRITORA - Isso.

ABEL - Que situação surreal! Isso só aconteceria na ficção, não é? *(sorri)* E como estas vacas vão conseguir se salvar?

ESCRITORA - Não tenho certeza se elas se salvam.

ABEL - Bom, eu não vejo muita saída para as vacas.

ESCRITORA - Exatamente! Acho que o que me incomoda é que elas não tem poder de escolha.

ABEL - Por isso nós escolhemos por elas.

ESCRITORA - Mas como colocar esta decisão nas mãos dos beneficiados com tudo isso?

ABEL - Não se preocupe tanto! São apenas vacas!

ESCRITORA - Você já se colocou no lugar delas?

ABEL *(debochado)* - Como chegamos mesmo a este ponto da conversa? *(muda de assunto)* Bem, melhor preenchermos logo o formulário padrão. Estado civil?

ESCRITORA - Solteira.

ABEL - Filhos?

ESCRITORA - Não.

ABEL - Algum aborto?

ESCRITORA - Por que você precisa saber disso?

ABEL - Não fui eu que escrevi as perguntas. Então?

ESCRITORA - Não.

ABEL - É a favor da legalização?

ESCRITORA - Que tipo de padrão é esse?

ABEL - Tem algum problema em assumir sua posição sobre isso?

ESCRITORA - Sou a favor.

ABEL - Pratica alguma religião?

ESCRITORA - Não.

ABEL - Acredita em Deus?

ESCRITORA - Do meu jeito.

ABEL - Esse jeito tem alguma identificação maior com alguma religião?

ESCRITORA - Não.

ABEL - Então você pretende fundar sua própria igreja?

ESCRITORA - Olha, sinceramente, eu não sei porque precisam saber disso tudo.

ABEL - Desculpe. É que a Secretaria do Turismo nos obriga a usar este formulário pra traçar um perfil dos visitantes da cidade. Acho que, pela nossa conversa, eu posso preencher o resto por você.

ESCRITORA - De forma alguma. Eu quero ver o que mais interessa à "Secretaria do Turismo".

ABEL - Bom, tem questões aqui sobre uso de substâncias ilícitas, posicionamentos políticos e para as mulheres...

ESCRITORA - Para as mulheres?

ABEL - Há questões mais específicas sobre sexualidade.

ESCRITORA - Só para as mulheres?

ABEL - Também acho um absurdo completo esse formulário. Inclusive vou fazer uma reclamação sobre esse tipo de pergunta. Isso nos constrange, entende? Eu não quero julgar ninguém, não quero deixar meus hóspedes desconfortáveis. Enfim... qual sua orientação sexual?

ESCRITORA - O que?

ABEL - Pode responder somente se é hetero, homo ou bi.

ESCRITORA - Hetero.

ABEL - Ah bom!

ESCRITORA - Bom por que?

ABEL - Não, não. Foi só uma expressão. Tipo "ok". Pra mim, isso não muda nada. Tem costume de praticar sexo anal?

ESCRITORA - Eu não tenho que responder nada disso. Vou procurar outro hotel!

ABEL (*redimido*) - Desculpe! Fique aqui mesmo, não vamos continuar com isso! Além do mais, se for pra outro lugar, você terá que responder às mesmas perguntas. Vamos fazer o seguinte, eu vou colocar aqui uma observação que você se recusou a responder o formulário e vou anexar uma reclamação sobre o teor das perguntas. Se quiser escrever você mesma de próprio punho- -

ESCRITORA (*impaciente*) - Deixa pra lá.

ABEL - Tudo bem. Eu te aviso quando o quarto estiver pronto.

Escritora começa a escrever.

Abel está se contendo para falar algo.

ABEL - Se quiser algum livro, temos uma biblioteca bem interessante ali atrás.

ESCRITORA - Biblioteca? Em um hotel?

ABEL - É como eu disse, o ser humano sempre nos surpreende.

ESCRITORA - Duvido muito que vou encontrar algum livro interessante por aqui.

ABEL - Temos Simone Du Beauvoir.

ESCRITORA - Olha! Você devia mandar pra Secretaria do Turismo ler.

ABEL - Que bom que não perdeu o humor. Quer que eu busque alguns livros?

ESCRITORA - Obrigada, eu já li Simone Du Beauvoir.

ABEL - Temos também Julia Kristeva, Mary Wollstonecraft, Judith Butler, Nancy Fraser...

ESCRITORA - Você tem mesmo todos esses livros ou está tentando ganhar minha confiança?

Abel está ofendido e revida.

ABEL - "Não se nasce uma mulher, torna-se!".

ESCRITORA - Essa todo mundo conhece.

Abel cita frases feministas, como se recitasse poesia.

ABEL - "A liberdade se conjuga no singular".

"É inútil esperar virtude das mulheres até que sejam em certa medida independente dos homens."

"A estrutura de crenças é tão forte que permite que alguns tipos de violência se justifique ou nem sequer sejam considerados como violência."

Sobre o princípio da paridade participativa da Nancy Fraser você já deve conhecer.

ÚRSULA entra. Ela está grávida.

ÚRSULA - "A vida é como um sonho; é o acordar que nos mata." Se esqueceu de Virgínia Woolf.

Úrsula dá passos cambaleantes. Abel age como se não ouvisse nada do que Úrsula dissesse.

ABEL - Esta é Úrsula. Hora do remédio!

ÚRSULA - Não. Hoje não!

ABEL - Abre a boca!

Abel tenta colocar o comprimido na boca de Úrsula, mas ela fecha a boca e vai em direção à Escritora.

ÚRSULA - Eu quero ver as pessoas. As que passam, as que se hospedam, as que só chegam depois que eu durmo... Eu quero ver a mim mesma no reflexo do espelho.

Abel vai atrás de Úrsula.

ABEL - Foi reconhecer a moça, é? Não repara o jeito dela, viu dona, mas ela sempre quer saber de todo mundo que chega.

ÚRSULA - Essa dor também te pertence, não é? Eu sinto que somos partes da mesma coisa. Talvez eu te ajude com o que você procura e você possa me ajudar a - -

Abel coloca um comprimido na boca de Úrsula, antes que ela termine a frase.

ESCRITORA - Espera! Esses remédios não são - -

ABEL - Já falamos sobre isso.

Úrsula se desvencilha de Abel.

ABEL - Eita que tá teimosa hoje! *(para Escritora)* Mas não precisa ter medo dela não tá? Ela é mansinha! Vou ver o quarto.

Abel sai. Escritora ajuda Úrsula a se sentar.

ESCRITORA - Esses remédios não fazem mal pro bebê?

ÚRSULA - Se você soubesse quanta coisa faz mal pra ele... Você vai ficar por quanto tempo?

ESCRITORA - Só alguns dias.

ÚRSULA - E se eles não deixarem você ir?

ESCRITORA - Como assim?

ÚRSULA - Você pensa que eu já não tentei ir embora? Ele não me deixou! Foi por isso que começaram os remédios. *(pausa)* Da primeira vez, ele disse que eu era importante, que ia cuidar de mim. Agora ele me explora e por isso precisa que eu fique.

ESCRITORA - E esse filho?

ÚRSULA - O filho da puta?

Úrsula solta uma gargalhada.

ESCRITORA - Não diga isso.

ÚRSULA - Você é mesmo muito corajosa! Incrível não ter desistido depois daquele formulário.

ESCRITORA - Eu não tenho nada a esconder e não me sinto intimidada com perguntas cretinas.

ÚRSULA - Você não percebe mesmo por que eles fazem isso? Tudo é parte de uma coisa muito maior, para nos enlouquecer! Quem sabe quanto tempo levará para que você esteja exatamente como eu?

ESCRITORA - Você precisa descansar.

ÚRSULA - Eu não posso descansar, eu preciso reagir!

ESCRITORA - Reagir a que?!

ÚRSULA - Não é óbvio pra você?

ESCRITORA - Olha, se você puder me contar o que está acontecendo, eu poderia quem sabe escrever sobre - -

ÚRSULA - Escrever? Você acha que pode contribuir para o mundo só escrevendo?

ESCRITORA - Acho! Acho que os livros contribuem - -

ÚRSULA - Contribuem a quem se interessa em lê-los. Quantas, das pessoas que precisam ouvir esta história, você acha que estão dispostas a ouvi-la?

ESCRITORA - Se a vida de apenas uma pessoa for modificada, eu já me darei por satisfeita - -

ÚRSULA (*zombando*) - Uma idealista! Temos uma idealista por aqui, senhoras e senhores! (*muda o tom, agressiva*) Sabe aqueles livros da biblioteca? Eu já li todos. E sabe do que adiantou? Nada! As palavras escritas não servem pra nada!

ESCRITORA - Eu só quero acreditar que as pessoas não são iguais, que os padrões não se repetem. E me parece que o Abel está tentando ajudar.

ÚRSULA - Você gosta de truques de mágica?

Pausa.

ESCRITORA - Quando conseguem me iludir, sim.

ÚRSULA - Foi o que pensei!

ESCRITORA - Seja clara.

ÚRSULA - Você se sente muito livre e segura porque não sabe absolutamente nada sobre o tema ao qual quer escrever. Não estou julgando sua competência, mas está na cara que não viveu na pele a opressão que quer falar na sua história.

ESCRITORA - Você não conhece a minha história.

ÚRSULA - Então por quê você não nos conta? Você não pode se blindar, se esconder atrás dos seus personagens! Senão, é você quem vai acabar ruminando o seu passado como uma vaca!

Úrsula começa a cambalear.

ÚRSULA (*confusa*) - Precisamos ser rápidas. Depois de noventa minutos acabou! Eu tenho um plano que envolve você... Mas agora o remédio já está fazendo efeito e eu não consigo... Eu devia ter concluído meu raciocínio antes.

ESCRITORA - Como eu posso ajudar?

ÚRSULA - As palavras se embaralham na minha cabeça. Quando consigo alcançar uma, a que eu pretendia dizer já escapou. E quando me concentro demais, só vejo um vazio.

ESCRITORA - Vou chamar o Abel!

ÚRSULA - Não! Eu não confio nele e em nenhum homem que só quer me foder. Pra falar a verdade, eu também não fico à vontade com os homens que não me foderam.

ESCRITORA - Por que?

ÚRSULA - Com os que já me foderam, as intenções são claras. Com os que ainda não me foderam, é uma questão de tempo até que demonstrem esse interesse. Então eu fico esperando o momento pra eu dizer logo, com todas as letras, que ele não vai me foder! E essa expectativa me mata!

Úrsula vai se descontrolando.

ÚRSULA - Eu queria poder dizer logo de cara que ele não vai me foder, mas aí ele vai dizer que eu tô maluca, tô criando fantasias na minha cabeça e toda aquela hipocrisia que a gente já conhece. Você sabe do que eu estou falando ou eu estou sozinha nisso?

Escritora abraça Úrsula.

ESCRITORA - Calma! Você não está sozinha!

Abel entra e corre pra separar as duas. Abel afasta Escritora e ampara Úrsula.

ABEL - O que você fez com ela?

ESCRITORA - Nada! Estávamos apenas conversando e ela teve essa crise.

ABEL - Alguma coisa você fez! O remédio deveria acalmá-la. Úrsula!

ÚRSULA - Eu acho que algumas coisas que eu sonho realmente acontecem.

Abel não ouve o que Úrsula diz e continua o diálogo com a Escritora, mesmo quando ela se dirige à Úrsula.

ESCRITORA - Como assim?

ABEL - "Como assim" o que?

ÚRSULA - Eu tenho sonhos eróticos. Isso devia ser prazeroso, mas nunca é. Tem muitos homens diferentes...

ABEL - Ela está estranha...

ÚRSULA (*grita com Abel*) - Você não me ouve! (*Para Escritora*) Às vezes eles chegam ao mesmo tempo na minha cama enquanto durmo. Eu tento gritar, dizer que eu não quero, mas minha voz não sai. Tento empurrá-los, mas não consigo mover um músculo sequer.

ABEL - A testa está quente. Pode estar tendo algum efeito colateral.

ESCRITORA (*para Úrsula*) - O que mais acontece?

ABEL - Alucinações.

ÚRSULA - Eu vejo o Abel abrir a porta pra eles. Então ele conta o dinheiro e sai. Ele organiza tudo pra todo mundo me foder! Você pode escrever esta história?

ESCRITORA - Eu vou escrever uma denúncia!

ABEL - Denúncia? Você não está escrevendo um livro?

ÚRSULA - Sua história é totalmente inventada? Você acha que a minha história também é? Eu preciso descobrir se a minha história é real ou ficção.

ESCRITORA - Você quer que eu chame a polícia?

ABEL - Por que faria isso?

ÚRSULA - A polícia não! O delegado também vem aqui... nos meus sonhos!

ESCRITORA - Então eu vou chamar um médico.

ABEL - Você está mesmo afetada pela sua história. Quer chamar um médico para uma vaca?

Escritora fica indignada com a situação.

ESCRITORA - Vaca? Além de você dopar uma mulher grávida e receber dinheiro para que outros homens durmam com ela, você ainda insulta sua mulher?

ABEL - Que mulher? Só estamos eu, você e a vaca!

Escritora fica atordoada.

ESCRITORA - Você está me dizendo que ela... esta... é uma vaca?

ABEL - Só você não enxerga.

Sirene soa.

ESCRITORA - Que barulho é esse?

ABEL - Vai começar o próximo abate.

Escritora abre a porta que dá pra rua. Fica paralisada por um momento.

ESCRITORA - Tem uma vaca me olhando no meio da rua.

Black out.

Tiro e grito de criança.

INTERLÚDIO 2

ESCRITORA - Senhoras e senhores! Aqui estamos todos nós, reféns de uma narrativa.

Para ele foi dito que sua raça é superior, que ele tem direito de controlar todos os outros seres. Que é o mais inteligente, o mais forte e um líder nato. Para ela foi dito que mulher de respeito é a casada. A boa esposa é sempre fértil e cuida do lar. Sorte mesmo na vida é conseguir um bom marido.

E pra vocês? Quais histórias foram contadas?

(pausa)

Às vezes as histórias não são tão maniqueístas, mas continuam aprisionando.

Minha história foi contada através do não dito. Eu deduzi através de imagens e sons que ficam grudadas nas lembranças do passado, nos pensamentos e pesadelos. Quando somos crianças, enxergamos nossos pais como o espelho da verdade do mundo. Uma criança não pode entender que não é certo o pai agredir a mãe, e até mesmo depois de crescer, não vai entender que não é certo ser agredida pelo marido. Porque se uma criança é tratada como se fosse invisível, ela vai achar que é invisível e talvez se torne mesmo invisível pro resto da vida. Comigo foi assim. E lá fui, pé ante pé, na minha invisibilidade, ver o que era aquela gritaria na minha casa de novo.

Escritora repete o texto abaixo, exatamente como o fez na Cena 1.

ESCRITORA - E quando eu cheguei, eu o vi com a arma apontada para ela, mas antes que ele atirasse, ela me olhou no fundo dos olhos. Como se me pedisse que fizesse alguma coisa- -

Tiros e grito de criança.

ESCRITORA - ...e eu não pude fazer. Naquela hora eu fiquei impotente!

CENA 3

Escritora entra ofegante. Parece esconder algo na bolsa. Espera ansiosa. Depois de um tempo, entra ABEL.

ABEL - Boa noite! Desculpe a demora, é que - -

ESCRITORA - A campainha não funciona e o próximo abate é em noventa minutos.

ABEL - A senhora já se hospedou conosco?

ESCRITORA - Podemos ir direto para o formulário padrão?

ABEL - Tudo bem.

Abel estranha a situação, mas pega papel e caneta.

ESCRITORA - Você soube que mataram uma mulher aqui do lado?

ABEL - Uma vaca, você quer dizer?

ESCRITORA - Não! Era uma mulher e a cada noventa minutos morre outra! E você vai me dizer que se acostuma com tudo na vida, né? Um cara matou a esposa porque achava que a vida dela pertencia a ele. O crime não foi notícia por que talvez tenha acontecido no meio da copa do mundo, ou no dia do show daquela banda de rock famosa, ou durante a visita do papa, e então não teve espaço na hora de diagramar as manchetes, não

coube no tempo de veiculação quando anunciaram as notícias. Mas tudo bem, daqui noventa minutos acontece de novo e, se não tiver nada melhor pra colocar, isso com certeza vai ser noticiado. *(pausa)* Mas sabe qual era o diferencial desse crime? A filha do casal assistiu.

Abel se surpreende com a informação.

ABEL - Infelizmente não é possível voltar no tempo, não é?

ESCRITORA - Não. Mas a gente aprende com isso. Aprende a perceber alguns sinais pra nos proteger. Se conseguirmos antecipar os noventa minutos e evitar mais um crime, a gente muda muito na vida de algumas pessoas! Então, vamos ao formulário!

ABEL *(confuso)* - Nome?

ESCRITORA - Você quer saber meu nome? Mas agora eu não quero responder perguntas banais! Quero aquelas absurdas que pretendem invadir minha intimidade, me constranger, me diminuir, me encurralar! Vamos, comece!

ABEL - Endereço?

ESCRITORA - Não se faça de idiota! Você sabe de quais perguntas eu estou falando.

ABEL *(incerto)* - É uma viagem a lazer ou a trabalho?

ESCRITORA - Você vai mesmo continuar esse joguinho?

Abel começa a sentir um pouco de medo da agressividade da Escritora.

ESCRITORA - Eu tenho aprendido muito com pessoas como você. As que se fazem de boazinhas, de bem-informadas, de defensoras dos fracos e oprimidos! Você não me engana mais. Antes que você resolva tentar qualquer coisa, eu já estarei um passo à sua frente.

ABEL - Senhora, eu realmente não estou entendendo o que se passa aqui. A senhora só pode estar me confundindo com outra pessoa.

ESCRITORA - Você é casado?

ABEL - Sim, com a Úrsula.

ESCRITORA - Que tipo de monstruosidade você faz com ela?

ABEL - Eu vou chamar a polícia!

Abel pega o telefone para ligar. Escritora saca uma arma de dentro da bolsa e aponta pra ele.

ESCRITORA - Nem tente!

ABEL - Calma! Eu não sei o que aconteceu com a senhora, mas tenho certeza de que está cometendo um grande erro.

ESCRITORA - Cadê a Úrsula?

ABEL - Deixe a minha mulher em paz, por favor!

ESCRITORA - Úrsula! Venha aqui!

Úrsula entra. Ela não está grávida.

ÚRSULA - Jesus!

Úrsula começa a rezar baixo e a fazer o sinal da cruz em frente a si mesma.

ESCRITORA - O que ele fez com você?

ÚRSULA - Do que você está falando?

ESCRITORA - Eu quero saber tudo o que ele faz, se ele te bate, te humilha...

ÚRSULA - Por favor, abaixe esta arma.

ABEL - Eu nunca fiz nada com a minha mulher! Acredite!

ESCRITORA - Vamos, Úrsula! Não precisa ter medo!

ÚRSULA - Como não? A senhora está apontando uma arma pra mim!

ESCRITORA - Mas eu estou do seu lado!

ÚRSULA - Não é o que parece!

ESCRITORA - Tudo bem! Eu entendo que seja difícil saber em quem confiar num momento como esse. Talvez você se sinta mais segura em me contar o que ele te faz se ele estiver... imobilizado, por exemplo. Você tem algo que possa ser usado para amarrá-lo?

ÚRSULA - Não.

ABEL - Eu tenho uma corda na gaveta.

ESCRITORA - Pega a corda!

ÚRSULA - Por que você contou?

ESCRITORA - Amarre ele na cadeira, Úrsula!

Úrsula obedece.

ESCRITORA - Agora podemos conversar sem correr risco nenhum.

Úrsula olha para a arma da Escritora, que continua apontada para eles. Escritora olha para a arma e a guarda na bolsa.

ESCRITORA - Desculpe. Me diga, Úrsula. O que ele tem feito com você?

ÚRSULA - Eu ainda não entendi. A senhora é seqüestradora ou é da polícia?

ESCRITORA - Eu sou escritora.

ÚRSULA - Hã?

ABEL - Ela é maluca!

Escritora continua falando enquanto, naturalmente, coloca um tecido (tipo mordaça ou bola de meia) na boca de Abel.

ESCRITORA - Eu vim pra te ajudar. Pra abrir seus olhos. Você não pode deixar-se dominar numa relação abusiva. Numa relação onde você não tem liberdade, não tem voz!

Abel tenta falar algo.

ESCRITORA (*para Abel*) - Cala a boca! (*para Úrsula*) Agora você pode falar sem medo. Como Abel te oprime?

ÚRSULA - Eu não me sinto oprimida.

ESCRITORA - Ele te bate? Te violenta ou agride fisicamente?

ÚRSULA - Não.

ESCRITORA - Te trata como inferior, em público ou na intimidade?

ÚRSULA - Não.

ESCRITORA - Fala coisas que te deixam mal?

ÚRSULA - Não.

ESCRITORA (*furiosa*) - Tem que ter alguma coisa!!! (*para Abel*) Eu não vou deixar você me enganar!!

ÚRSULA - Olha só, eu estou bem, acredite! Nossa relação tem seus problemas normais, mas a gente se respeita, temos planos pro futuro. Eu não sei qual a sua história. Não entendo porque está agindo assim.

ESCRITORA - Quais problemas você chama de normais?

ÚRSULA - Sei lá. O ronco dele não me deixa dormir. Ele odeia que eu use a mesma faca pra passar manteiga e depois a geléia no pão. Não sei. Eu acho que é você quem está com problemas sérios.

ESCRITORA - Vocês estão casados há quanto tempo?

ÚRSULA - Um ano.

ESCRITORA - Claro! Ainda não deu tempo dele se mostrar como realmente é. Alguns conseguem esconder por mais tempo que outros, mas um ano é bem possível dele se conter. E as outras mulheres da cidade?

ÚRSULA (*penalizada*) - O que fizeram com você?

ESCRITORA - Como é a vida das outras mulheres?

ÚRSULA - Bem, cada uma tem sua vida, sua individualidade.

ESCRITORA - Tem razão. Eu também não gosto de generalizar. Mas me diga qualquer coisa.

ÚRSULA - São seres humanos que erram, se arrependem, erram novamente. Cada um sabe da sua vida. O julgamento só cabe à Deus. Desculpe, Abel.

ESCRITORA - Desculpe por que?

ÚRSULA - Ele não concorda que eu fale em nome de Deus, nem pratique minha religião.

ESCRITORA (*triumfante*) - Ah! Eu sabia!

ÚRSULA - Mas é só isso.

ESCRITORA - Como só isso? Está implícita a castração do seu direito de escolha, a proibição que você siga seus próprios valores! Isso significa muito, Úrsula! É só a ponta do iceberg, entende? E qual o argumento dele?

ÚRSULA - Ele diz que a religião me controla, me limita.

ESCRITORA (*irônica*) - Então ele te "liberta" da religião para que ele te controle e te limite! Muito conveniente, senhor Abel!

ÚRSULA - Mas isso não faz dele, necessariamente, uma ameaça.

ESCRITORA - Ainda não. Mas com um ano de casamento, este pode ser o primeiro sintoma. Depois, quem sabe, viriam as humilhações verbais, em seguida as agressões físicas e todo tipo de manipulação psicológica. Quarenta e três por cento dos assassinatos de mulheres são cometidos pelos parceiros. Quem sabe quanto tempo levaria até que você fizesse parte desta estatística?

Úrsula começa a pensar alto, falando consigo mesma.

ÚRSULA - Eu já vi o Abel agressivo?

ESCRITORA - Só no Brasil, são cento e setenta e nove relatos de agressão por dia.

ÚRSULA - Talvez eu já tenha visto o Abel agressivo sim!

ESCRITORA - Cinco espancamentos a cada dois minutos.

ÚRSULA - Ele é ateu.

ESCRITORA - Um estupro a cada onze minutos.

ÚRSULA - Você decorou isso tudo?

ESCRITORA - Um feminicídio a cada noventa minutos.

ÚRSULA - Noventa minutos?

Úrsula olha em direção à porta da rua/matadouro.

ESCRITORA - Então ele já foi casado antes?

ÚRSULA - Sim.

ESCRITORA - E nunca contou porque a esposa o deixou?

ÚRSULA - Não.

ESCRITORA - E essa corda? Talvez ele torturasse a ex-esposa e ela nunca teve coragem de denunciar. Por que razão ele ainda mantém a corda dentro da gaveta? Você já pensou nisso?

ÚRSULA - Será que ele teria coragem de me torturar?

ESCRITORA - Ou coisa pior! Vai pagar pra ver?

ÚRSULA - Tem razão! Tenho sorte de conseguir estar viva até a sua chegada! Obrigada!

ESCRITORA - Acho que ele tem muita coisa a explicar.

Escritora tira a mordaca de Abel.

ABEL - Que raciocínio absurdo foi este que vocês criaram juntas? Há duas horas atrás eu estava trepando com a minha esposa, falando em ter filhos. Então, chega uma estranha e a convence que eu sou um torturador e agora estou planejando matá-la enforcada? Só pode ser uma histeria coletiva!

ESCRITORA (*irônica*) - Muito conveniente nos chamar de histéricas agora.

ABEL - Úrsula, você me conhece melhor do que ninguém. Sabe que eu nunca faria uma coisa dessa.

ÚRSULA - Não posso colocar minha mão no fogo por nada, principalmente por um ateu.

ABEL - Pare de pensar bobagens, Úrsula! Me tire logo daqui e vamos expulsar essa maluca do nosso hotel! Eu não sei o que ela pretende com isso, mas essa situação não faz sentido nenhum!

ÚRSULA - Por que sua primeira esposa o abandonou?

ABEL - Não sei, a relação se desgastou e... acabou. Acontece!

ESCRITORA - É melhor dizer a verdade, pois sua ex pode ser chamada pra depor no seu julgamento.

ABEL - Que julgamento?

ESCRITORA - Do processo que vamos abrir contra você por tentativa de homicídio.

ABEL - Úrsula?

ÚRSULA - Talvez seja necessário.

ABEL - Meu amor, não entre na loucura dessa mulher! Eu não sei o porquê, mas ela quer nos destruir.

ÚRSULA - Por que nunca me contou detalhes sobre o fim do seu antigo casamento?

ABEL - Nunca achei necessário, afinal, queria um recomeço com você!

ÚRSULA - E essa corda? Por que ela está sempre à mão, na gaveta.

ABEL - Não sei. A gente não precisa mais guardá-la na gaveta, se isso te incomoda. Úrsula, você precisa confiar em mim.

ÚRSULA - Você vai continuar falando mal da minha religião?

ABEL - Desculpe, eu só queria te ajudar.

Úrsula e Abel se olham longamente.

ABEL - Você pode me desamarrar?

Úrsula olha para Escritora. Escritora consente com a cabeça.

Úrsula se aproxima de Abel.

Rapidamente, num golpe brusco, Abel usa a corda no seu pulso para enlaçar o pescoço de Úrsula.

ABEL - Como você ficou contra mim tão fácil, Úrsula? Não vou poder confiar em você nunca mais! Se queria um motivo para me prender, então talvez eu deva cometer um crime de verdade, por que eu não quero ser condenado por um crime que eu não cometi.

Escritora retira a arma da bolsa e aponta para Abel.

ESCRITORA - Você se esqueceu que eu tenho isso aqui?

Abel solta Úrsula e começa a chorar descontroladamente.

ABEL - Me deixa ir! O que eu fiz pra vocês me torturarem assim?

ESCRITORA - Ajoelha!

Abel ajoelha.

ESCRITORA - Agora pede perdão pra Úrsula!

ABEL - Eu não tenho por que pedir perdão. Fala pra ela, Úrsula, isso é loucura!

ÚRSULA - Você ameaçou me matar.

ESCRITORA - Você não respeita as escolhas da sua esposa. Pede perdão por ser machista, opressor e assassino em potencial.

Abel continua chorando.

ESCRITORA - Anda!

Escritora coloca a arma na boca de Abel.

ABEL - Perdão!

ESCRITORA - Por eu ser...

ABEL - Machista, opressor e assassino em potencial.

ESCRITORA - Você o perdoa, Úrsula?

Úrsula consente com a cabeça. Triste.

ESCRITORA - Agora vai embora e nunca mais volte aqui.

Abel sai correndo. Escritora vai até a porta e permanece um tempo.

ESCRITORA - Já está longe daqui! E até agora não apareceu nenhuma vaca. Acho que conseguimos, finalmente, mudar alguma coisa.

ÚRSULA - Vaca?

ESCRITORA - Isso significa que você está livre e em segurança! Agora você poderá fazer suas próprias escolhas, sem a interferência de ninguém. Eu já te falei da minha caneta mágica?

ÚRSULA - Não.

ESCRITORA - Ela é a responsável pelas maiores transformações da história da humanidade. Tudo passa pela escrita. E eu acho que já posso dizer que consegui fazer jus à minha caneta.

Escritora e Úrsula suspiram.

Entra ABIGAIL, uma mulher que deve ser interpretada pelo mesmo ator que interpreta Abel.

ABIGAIL - Com licença!

Úrsula e Escritora olham Abigail com surpresa.

INTERLÚDIO 3

ABIGAIL - Antes que vocês se perguntem: "what the fuck?"

Sim, é com espanto que ainda sou vista pelos pais de família, pelos homens e mulheres de bem, defensores da moral e dos bons costumes.

Usando um bom português, eles disfarçam seu espanto com a voz gentil e falsa empática para perguntarem: "você é o quê?".

Apesar de já ter me acostumado com essa pergunta, antes de responder eu sempre penso: "por quê isso importa pra você?".

O que vocês vêem aqui agora é uma travesti.

Que pode ser hetero, homo, bi, trans...

Classificar seres humanos pelo que desejam ou praticam no seu íntimo é uma árdua tarefa. Tão útil quanto tapar o sol com a peneira.

Cada um de nós se esforça para classificar a si mesmo na tentativa de dar uma explicação pros outros quando formos perguntados: "você é o quê?".

Eu, particularmente, preferiria ter que responder esta pergunta somente a mim mesma.

Mas a gente precisa encontrar nossa turma, nosso gueto, aquele lugar em que somos acolhidas.

Por sorte, aqui neste lugar, eu posso me vestir do que eu quiser sem me questionarem ou me julgarem.

Vocês vêem um homem, mas a partir do momento que eu digo que sou um objeto, vocês aceitam. Se eu tiver que ser um Deus, vocês acatariam sem questionar.

Se eu começar a mugir, vocês me acatariam como uma vaca. Acredito que alguns chegariam a ser mais solícitos com a vaca do que comigo vestida assim.

Então, vocês agora vão aceitar que eu sou uma mulher, ok?

Ah! E fora daqui, tentem se importar menos com o que as pessoas fazem no seu íntimo.

CENA 4

A cena 4 volta de onde parou a cena 3.

ÚRSULA - Pois não?

ABIGAIL - Eu preciso de um quarto.

ÚRSULA - Precisamos preencher um formulário padrão.

ABIGAIL - Tudo bem.

ÚRSULA - Você é o quê?

Abigail olha impaciente para a platéia, com cumplicidade.

ESCRITORA - Úrsula, nós não precisamos reproduzir os padrões.

Úrsula consente com a cabeça.

ÚRSULA - Nome?

ABIGAIL - Abigail.

ÚRSULA - Cidade?

ABIGAIL - Sou daqui mesmo.

ÚRSULA - E por que está precisando de um hotel?

ABIGAIL - Para sumir por um tempo, só até a poeira abaixar.

ESCRITORA - O que houve?

ABIGAIL - Meu ex não lidou muito bem com o término.

ESCRITORA - O que ele fez?

ABIGAIL - Me ameaçou de morte.

ESCRITORA - Que absurdo! Você precisa denunciá-lo!

ABIGAIL - Eu não tenho coragem. É uma cidade pequena, eu não quero ser exposta. Já, já ele se acalma. Não é a primeira vez que ele faz isso.

ESCRITORA - A decisão é sua, mas conte com a gente se mudar de idéia e...

ÚRSULA(*interrompe*) - Desculpe! Eu não posso permitir que você fique no meu hotel!

ESCRITORA - Por que?

ÚRSULA - Por motivos óbvios! Você ouviu toda a história, esse cara é violento. Nós também correríamos risco! Além disso, olhe pra ela! Este é um hotel familiar. Ela não é o tipo de hóspede que eu possa admitir aqui.

ESCRITORA - Você nem a conhece!

ÚRSULA - Justamente. Nem sei se essa história é verdadeira, se ela não está se escondendo da polícia, se é uma garota de programa ou traficante. Se ela ficar, será o chamariz para gente deste tipo.

ESCRITORA - Você que é tão temente a Deus, deveria ajudar o próximo ou estou enganada?

ÚRSULA - Deus está vendo que eu não posso ser cúmplice da perdição. Ela nem respondeu o que ela é!

ESCRITORA - Se a Abigail não pode ficar, eu também não fico.

ÚRSULA - Por que se importa tanto com ela? Ela é só uma vaca!

ESCRITORA (*indignada*) - Vamos, Abigail!!

Escritora abre a porta e se detém.

ABIGAIL - O que foi?

ESCRITORA (*nervosa*) - A vaca. Eu pensei que ela não apareceria. Não entendo. (*para a vaca*) O que você quer de mim? (*para si mesma*) Ela está me olhando como se enxergasse minha alma.

ABIGAIL - Eu também vejo. Parece que quer dizer alguma coisa.

ÚRSULA - Parem com esta bobagem! É só uma vaca!

ESCRITORA - Úrsula, eu acho que fui injusta no meu julgamento!

ÚRSULA - Agora concorda que está defendendo uma mulher imoral?

ESCRITORA - Eu estou falando do Abel. O Abel que saiu correndo, sem chances de se explicar.

ÚRSULA - Aquele que ameaçou me matar!

ESCRITORA - Ele não teve escolha, estava acuado.

ÚRSULA - Não! É como você disse, era a ponta do iceberg, seria só uma questão de tempo pra eu virar estatística.

ESCRITORA - Uma vez alguém disse que os seres humanos são imprevisíveis. O opressor aqui era você.

ÚRSULA (*alterada*) - Então você invade o meu hotel com uma arma, querendo mudar a minha vida sem pedir permissão, expulsa o meu marido de casa, e agora vem me acusar de opressão? A gente nem sabe quem é você. Eu só vejo você vomitar discursos prontos, informações decoradas e todas essas tentativas de manipular nossas vidas. Sempre querendo ajudar, interferir, quando na verdade você nem sabe do que a gente precisa.

Ouve-se um barulho alto, de patas e mugidos se aproximando cada vez mais.

ESCRITORA - Que barulho é esse?

Abigail abre a porta.

ABIGAIL - É uma manada! Incontáveis vacas e... bois também. Estão muito agitados, nervosos. Parecem estar esperando por algo para pisotear... para massacrar.

ÚRSULA (*desesperada*) - Feche a porta!

ESCRITORA - Não adianta. Eles são mais fortes e podem invadir quando quiserem.

ÚRSULA - Por que fariam isso?

ESCRITORA - Eles estão esperando por cada um de nós... os opressores.

ABIGAIL - Mas nós somos as oprimidas!

ESCRITORA - A gente nunca é uma coisa só.

Pausa.

ÚRSULA - O que a gente faz agora?

ABIGAIL - Vamos esperar até que invadam?

ESCRITORA - Ou até o fim dos noventa minutos.

Pausa.

ABIGAIL - Quanto tempo falta?

ESCRITORA - Está quase.

Pausa.

ABIGAIL - O que vai acontecer?

ESCRITORA - Uma de nós vai morrer.

ÚRSULA - Eu não quero morrer!

*As três esperam, ouvindo os barulhos de patas e mugidos que vem lá de fora.
Uma sirene soa.*

ÚRSULA - Noventa minutos.

ESCRITORA - Outro abate vai acontecer.

Barulho de tiro lá fora, seguido de um mugido.

Silêncio.

As três respiram fundo.

ÚRSULA - Não foi desta vez.

ABIGAIL - Parece que a boiada não está mais lá!

ESCRITORA - Quantas vezes noventa minutos vão se passar até que uma de nós seja o alvo?

ÚRSULA - Tenta de novo!

ESCRITORA - O que?

ABIGAIL - Escreve outra história.

Úrsula e Abigail saem de cena.

ESCRITORA - Eu não posso fazer mais isso! Não tenho mais forças para repetir essa cena na minha cabeça. Desde quando eu era só uma menina, a impotência continua me amarrando, me jogando na cara que eu não posso prever, não posso evitar, não posso

mudar nada! Voltem aqui! Vocês nem sabem quem eu sou! Eu não posso fazer isso sozinha porque, na verdade, eu não sei mais o que fazer. Não sei propor nenhuma solução. Aquela caneta mágica era uma farsa. Uma alegoria mal feita. Uma metáfora fracassada. Nem sei porque eu criei essa imbecilidade. Quem poderia acreditar em soluções fantásticas e eficazes diante de algo tão urgente e complexo? Além disso, eu sei que nenhuma história que eu escreva vai mudar o final da minha.

*Escritora rasga seu caderno de anotações.
Black out.
Tiros e grito de criança.*

CENA 5

*Escritora entra calmamente na recepção do hotel.
Abel entra e olha para ela.*

ESCRITORA - Eu quero um quarto.

Abel suspira e coloca papel e caneta em cima do balcão.

ESCRITORA - Você se importa se eu não responder ao formulário padrão? Eu não tenho forças, muito menos criatividade para lidar com coisas absurdas. Eu sinto a impotência paralisar cada músculo do meu corpo e cada vestígio de motivação do meu pensamento.

ABEL - Úrsula!

Úrsula entra com uma escova e um balde de água. Olha triste para a Escritora.

ABEL - Trouxe tudo?

ÚRSULA - Depois pego o resto.

ABEL - Está tudo bem?

ÚRSULA - Eu ainda não me conformo que isto tenha acontecido. Ela estava tão determinada a mudar as coisas, como pôde desistir?

ESCRITORA - Desculpe, de quem vocês estão falando?

ABEL - Acho até que ela tentou demais. Nem todo mundo quer ouvir essa história sobre mulheres ou vacas.

ÚRSULA - Tem razão. Pouca gente se interessa de fato.

ESCRITORA - Vocês estão falando de mim? Da minha história?

ABEL - Não fique assim. Não há nada que possamos fazer, somos todos reféns de uma narrativa.

Úrsula coloca o balde na frente da Escritora e começa a escovar o corpo dela.

ABEL - Essa é boa de teta!

ESCRITORA - O que vocês estão fazendo?

Abel dá um tapa na bunda da Escritora.

ABEL - Viu o tamanho da anca?

ÚRSULA - Pare com isso, Abel!

ABEL - Por que? É só uma vaca!

ESCRITORA - Vaca? Espera eu...

ÚRSULA - Me incomoda!

ABEL - Deixa de frescura. Vaca é vaca!

Abel sai.

ESCRITORA - Úrsula, por favor! Que história é essa?

Úrsula não responde e continua escovando a Escritora.

ESCRITORA - Você está me ignorando como da primeira vez? Pare com isso, Úrsula, nós não temos tempo. Daqui a pouco acabam os noventa minutos e, pare de me escovar come se eu fosse uma...

Escritora se desvia da escova.

ÚRSULA - Calma! Não quer se escovada por que, lindinha? Acha que toda vaca tem o privilégio que você tem?

ESCRITORA - ...vaca...

Abel entra com um balde vazio e uma corda.

ABEL - Trouxe o balde pra tirar o leite.

ESCRITORA - Ninguém vai me tocar!

Escritora reluta.

ÚRSULA - Amarra as patas traseiras. Ou quer levar um coice?

Abel amarra as pernas da Escritora.

ESCRITORA - Parem! Vocês não podem me amarrar! Eu vou denunciar vocês!

ABEL - Melhor já dar os calmantes.

ÚRSULA - Por que elas sempre relutam?

ABEL - Porque vaca não pensa. Não tem consciência que foram feitas pra nos servir.

ÚRSULA - Fico imaginando a hora que uma vai se soltar e causar um estrago.

ESCRITORA - Me ajude Úrsula! Eu não sou só uma vaca, sou um ser vivo! Eu penso sim, mas preciso da sua ajuda. Não vou conseguir fazer nada sozinha!

ÚRSULA - Mas fico pensando... Se não fosse pra nos dar leite e carne, qual a utilidade das vacas?

Abel coloca um comprimido na boca da Escritora.

ÚRSULA - Dá água pra ela!

Abel empurra a cabeça da Escritora até o balde de água. A Escritora acaba de quatro.

ESCRITORA - Parem com isso, por favor!

ABEL - Pega a ração.

Úrsula pega um pote de ração e coloca na boca da Escritora.

ESCRITORA - Eu não quero comer!

Escritora morde a mão de Úrsula, que solta um grito de dor.

ABEL - Malcriada! Vai ficar com fome.

ÚRSULA - Amarra a boca dela!

ABEL - Não precisa. O remédio já vai fazer efeito. *(para Escritora)* Viu? Se você fosse boazinha, não precisaria de nada disso.

A sirene soa.

ABEL - Chegou a hora dela.

ÚRSULA - Mas nem tiramos o leite!

ABEL - Tiramos de outra vaca depois. Pode desamarra que ela já tá grogue.

Úrsula desamarra a Escritora. Elas se olham por um momento.

ÚRSULA - Elas olham pra gente como se enxergassem a nossa alma, como se quisessem dizer alguma coisa.

ABEL - Deixa de bobagem. Traga a... qual o nome desta?

Úrsula olha uma plaquinha no pescoço da Escritora.

ÚRSULA - Sofia.

ABEL - Nome estranho pra uma vaca. Mas a gente se acostuma com tudo na vida.

ÚRSULA - Até com o matadouro.

Abel e Úrsula saem com a Escritora.

Black out.

Tiro. Não ouvimos grito de criança.

FIM